



## **Seu Lunga nos folhetos de cordel: a comicidade e os campos de significação na série de Zé do Jati <sup>1</sup>**

Gislene CARVALHO<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - CE

### **RESUMO**

Neste trabalho, que é parte da dissertação ‘Folhetos de cordel entre realidade e ficção cotidiana: um estudo da mídia na construção do personagem Seu Lunga’, defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia, discutimos a construção do personagem Seu Lunga nos folhetos de cordel a partir da identificação de campos finitos de significação, conceituados por Berger e Luckmann (1985). A partir de uma análise discursiva, identificamos como a subjetividade de cada poeta direciona os enunciados e constrói o protagonista de forma diferente. Na série de cinco volumes (quatro intitulados “Seu Lunga: o campeão do mau humor” e o quinto volume com o título “O segredo de Seu Lunga”) da autoria do cordelista Zé do Jati, a ênfase está na comicidade dos versos. O objetivo não é de construir um personagem real e fincado na factualidade de Seu Joaquim, mas um tipo caricato de grosseria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Folhetos de cordel; Seu Lunga; campos de significação

### **INTRODUÇÃO**

O folheto de cordel, uma manifestação cultural bastante difundida no Nordeste do Brasil, é muito mais do que uma literatura de entretenimento. Além dos folhetos com histórias engraçadas, biografias de pessoas consideradas importantes para o imaginário local, há a presença de informação e de opinião, interpretação de fatos, críticas sociais etc. Diante do alcance dos cordéis, seja por seu formato leve ou linguagem acessível aos mais diversos públicos, os discursos que eles carregam são muito úteis na manutenção e atualização das tradições e do imaginário popular, através do registro da memória, da repercussão de lendas e mitos e da fixação de características nas personalidades dos protagonistas dos folhetos.

Um exemplo do folheto de cordel neste universo simbólico é a difusão do personagem Seu Lunga, apelido de Seu Joaquim dos Santos Rodrigues, homem que mora em Juazeiro do Norte, Ceará, a 514 km da capital, Fortaleza, dono de uma sucata,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Email: [mgisacarvalho@gmail.com](mailto:mgisacarvalho@gmail.com)



que tem um temperamento difícil e que ficou conhecido por esse comportamento, que despertou a contação de histórias cômicas de respostas grosseiras a perguntas mal formuladas, que circulavam pelo boca-a-boca e nos versos dos cantadores. Mas em 1987<sup>3</sup>, Abraão Batista, poeta e professor aposentado da Universidade Regional do Cariri – Urca, escreve o primeiro volume do folheto “Seu Lunga, o homem mais zangado do mundo”, e as histórias contadas não saem do espaço da oralidade, mas encontram uma nova mídia por onde circular.

A partir de então, Seu Joaquim deixa de ser somente o homem real e passa a ser também personagem, o Seu Lunga grosseiro, impaciente e intolerante, construído por um discurso cômico, e que encontra um alcance ainda maior do que os caminhos dos violeiros. O discurso, fixado pela escrita, dificulta a alteração do conteúdo e leva o personagem por onde quer que os folhetos circulem.

Mas quais são os elementos do discurso do cordel que permitem a representação do personagem feita na transição por diversos campos de significação? Aqui buscamos compreender como, nos discursos dos folhetos do poeta Zé do Jati, são construídas realidades, dialogando com a criação/invenção/imaginário/ficção que repercutem no cordel como mídia, especificamente nos folhetos sobre Seu Lunga.

O cordel constrói realidades em seu discurso. Ele constrói a realidade de um Seu Lunga novo, que não precisa ser, necessariamente, o da realidade cotidiana, mas o personagem. Este personagem ganha significados e sentidos que vão além de uma representação, e o constituem como transitório, um hibridismo entre realidade (pautada a partir do comportamento pouco receptivo de Seu Joaquim, que ganhou popularidade a partir da oralidade) e ficção (a representação feita pelos poetas em que a subjetividade de sua interpretação se manifesta e abre espaço para a criação de fatos atribuídos ao homem real).

Compreendemos que o folheto de cordel carrega significados, produz sentidos e atualiza tradições, criando e difundindo elementos imaginários que integram uma produção criativa que vai além do entretenimento, atuando também como uma forma de conhecimento. Narrativas que fazem parte do cotidiano como ensinamentos, lendas e entretenimento. Um conteúdo que é vivo e pulsante, que surge das práticas orais e que é impresso nas páginas dos folhetos, a mídia cordel.

---

<sup>3</sup> O primeiro folheto encontrado sobre Seu Lunga é de autoria do poeta Abraão Batista data de 1987. Mas em entrevista, o autor afirma ter escrito os versos no ano de 1982.



## COMICIDADE:

Apesar de ser a grosseria o mote principal das histórias sobre Seu Lunga, os folhetos têm um caráter cômico. Isso se deve ao formato caricatural como personagem é apresentado. Tons de deboche que são direcionados a quem faz as perguntas, por serem apresentados como tipos de bobos, acabam por ofender Seu Joaquim, o Seu Lunga real. Isso acontece porque, ainda hoje, a comédia, o riso tem tom depreciativo, assim como a comédia tratada por Aristóteles, cujo objetivo seria destacar o lado negativo dos seres humanos.

Seu Lunga é um personagem que, por despertar o riso, é considerado cômico. Esta comicidade é decorrente de vários elementos de composição deste personagem, de suas ações que se destacam com as formações linguísticas. A comicidade de Seu Lunga é decorrente de um jogo de linguagem em que são as interpretações diferentes que causam os conflitos de compreensão e, portanto, as respostas agressivas e impacientes, que configuram um desvio de comportamento, uma insociabilidade que tem o riso como consequência.

Bergson (2001) reflete sobre categorias de comicidade identificadas em formas diversas, referentes a características físicas, características de linguagem e ao caráter de ação dos personagens. Aqui nos interessam a comicidade de situações e palavras que, no caso de Seu Lunga, configuram o caráter do personagem e de suas ações. “A comicidade nascerá, ao que parece, quando alguns homens reunidos em grupo dirigem todos a atenção para um deles, calando a própria sensibilidade e exercendo apenas a inteligência” (BERGSON, 2001, p. 6).

A comicidade, segundo Bergson (2001), está relacionada aos atos humanos e depende do uso da inteligência, colocando a razão como oposta à sensibilidade e considerando que para haver o riso, as emoções não poderiam ser levadas em consideração. Neste trabalho consideramos que o ato de rir é também uma manifestação de sensibilidade e que está relacionada à cognição, pois demanda compreensão da situação da qual se ri.

Mas para Bergson (2001), o riso atua como uma espécie de correção de atos involuntários e repentinos que não se enquadram socialmente. O riso seria sempre uma ação coletiva, compartilhada. Para que faça sentido, precisa ser risível para mais de uma cognição. “O riso precisa de eco” (BERGSON, 2001, p. 4), de repercussão. Os folhetos de cordel oferecem essa repercussão aos causos de Seu Lunga, permitem sua reprodutibilidade e comercialização.



O efeito das situações, segundo Bergson (2001), será mais cômico quanto mais espontâneo parecer, assim como acontece com Seu Lunga, cujas respostas são imediatas e espontâneas, como se faltasse a compreensão das conotações utilizadas na elaboração das perguntas. Relacionado a esta espontaneidade, o riso se quando os personagens não se reconhecem como cômicos, pois este reconhecimento faria com que se buscasse alterar os comportamentos, considerando que ser risível não é algo positivo para os indivíduos, que compreendem a comicidade como um tipo de repressão.

Por isso que Seu Joaquim se sente tão ofendido diante das histórias cômicas envolvendo seu apelido. A sensação de ter pessoas rindo de seu comportamento causa um incômodo, já que, segundo Bergson (2001), o riso seria uma espécie de castigo para os costumes, alguns deles fazem parte da essência, da personalidade dos indivíduos, e o riso funciona como um desrespeito, a insensibilidade à qual o autor se refere.

E este riso provocado em relação a Seu Joaquim tem muitas consequências que se refletem no curso cotidiano de sua vida, em seu comércio e até mesmo em sua visibilidade midiática, que constantemente reforça a imagem caricaturada e o riso que dela decorre. O riso é focado em situações de constrangimento, em defeitos e por isso é tão incômodo para os indivíduos a quem ele se atribui.

No caso de Seu Lunga, é ele quem se sente incomodado com o riso, já que é o seu comportamento que o provoca. Mas a situação de constrangimento é destinada ao interlocutor, que recebe as respostas agressivas. E quem ri está de fora da situação e não cumpre nenhum dos dois papéis, a não ser quando, para oferecer ideias de veracidade ao acontecimento, afirma que o caso tenha acontecido consigo. É Seu Lunga que provoca a situação cômica, mas, a priori, não é dele que se ri. Mas é ele o personagem que se repete, é a sua grosseria que se torna cômica quando associada às perguntas dos interlocutores.

A sagacidade da resposta, muito mais que a cristalização da grosseria é que torna cômico cada caso de Seu Lunga. A grosseria, que é considerada um defeito, associada às situações de riso, mesmo não sendo deboches direcionados especificamente a ele, fazem a situação ser considerada por ele como constrangedora. Deste constrangimento, novos comportamentos grosseiros se manifestam e, mais uma vez, reforça-se a caricatura.

Referindo-se especificamente às narrativas, Bergson (2001) fala em “vício cômico”, que seriam as características planas que definem os personagens e que têm caráter risível. Estes vícios costumam ser condutores das narrativas e não deixam de ser



evidentes nas narrativas. “A arte do poeta cômico consiste em fazer-nos conhecer tão bem esse vício, em introduzir-nos, a nós, espectadores, a tal ponto em sua intimidade, que acabamos por obter dele alguns fios da marionete que ele movimenta” (BERGSON, 2001, p. 12).

Seu Lunga, como vimos, é uma caricatura. Um personagem quem tem uma característica escolhida para ser apresentada de modo exagerado e distorcido, deformando-lhe a natureza, ampliando e tornando-a visível. Desproporções que Bergson (2001) trabalha referindo-se à imagem pictórica, mas que também pode ser compreendida na construção textual, na composição de um personagem literário, como um personagem linear. O riso decorre justamente desse exagero, que não deve aparecer como o objetivo, mas como um recurso estético para destacar as distorções que constroem o personagem a partir de características próprias, que, no caso de Seu Lunga, ele realmente possui.

A produção do riso, ainda que realizada a partir de campos finitos de significação, encontra base, referência e interpretação na realidade cotidiana. “A comicidade se equilibra entre a vida e a arte” (BERGSON, 2001, p. 16) e o riso é justamente o conector que as manterá em um mesmo contexto, a ponte entre os campos de significação, que conduz o indivíduo entre as construções.

## **CAMPOS FINITOS DE SIGNIFICAÇÃO**

A vida cotidiana é composta por diversas construções simbólicas afirmadas como reais pelos homens que fazem parte dela. A concepção de realidade para Berger e Luckmann (1985) vem de uma concepção fenomenológica, que considera a experiência subjetiva e o caráter intencional da consciência, que coloca a realidade como uma construção mental que os seres humanos fazem dos objetos. E é na consciência que se constituem as diferentes esferas da realidade.

Mas a mente humana não fica restrita a apenas uma esfera de realidade. Ela pode transitar entre formas distintas de realidade, sem que nenhuma seja prejudicada. E isso depende de contratos de leitura que cada realidade exige dos indivíduos. Não espera-se, por exemplo, ao ler um romance que ele seja uma representação inteira de uma historicidade da realidade cotidiana. A partir do momento em que compreendemos tratar-se de um romance, abrimos a nossa consciência para a ficção, compreendida aqui como toda representação de realidade que, para se constituir, acaba por construir novos campos de significação.



Não é que as realidades tenham fronteiras perfeitamente distintas. Muitas vezes, elas se confundem e se complementam. Uma única realidade não basta, às vezes é necessário fugir dela, outras vezes, as demais formas de consciência são agregadas à realidade cotidiana para que ela exista de forma plena. Por isso, não tratamos aqui a ficção – ou invenção/imaginário como denominam os poetas – como oposta à realidade, mas como outra forma dela se manifestar. Afinal, frequentemente temos elementos da vida cotidiana que alimentam a ficção e, em contrapartida, esta aparece manifestada em situações reais.

Segundo Berger e Luckmann (1985), a realidade cotidiana seria a realidade por excelência, predominante, quando a tensão da consciência chega ao ponto máximo.

Apreendo a realidade da vida diária como uma realidade ordenada, seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõem à minha apreensão. A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes de minha entrada na cena. A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. Vivo num lugar que é geograficamente determinado; uso instrumentos desde os abridores de latas até os automóveis de esporte, que têm sua designação no vocabulário técnico da minha sociedade; vivo dentro de uma teia de relações humanas, de meu clube de xadrez até os Estados Unidos da América, que são também ordenadas por meio do vocabulário. (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 38-39)

Assim, a realidade cotidiana está ordenada pela linguagem, dando significação aos fatos objetivos que a integram. E a apreensão da realidade está ligada ao *hic et nunc*, ainda que ela não se esgote nas presenças imediatas. As pessoas teriam acesso direto às realidades que se apresentam no instante e no lugar onde elas estão. Esta seria a forma de constituição da realidade da consciência. Isto não significa que sejam completamente ignorados os fenômenos aos quais a consciência não esteja presente, mas estes fenômenos, que fogem do aqui e agora da consciência não podem ser apreendidos diretamente e sua interpretação se torna ainda mais subjetiva, pois é resultado de outras mediações, além da mediação da linguagem, que permite o entendimento direto da vida cotidiana. Segundo Berger e Luckmann (1985), isto permite que se experimente os diferentes graus da vida cotidiana, sem que necessariamente se esteja presente neles.

Os campos finitos de significação são as demais realidades que se constituem no interior da realidade cotidiana, que se coloca como uma realidade mais ampla por ser a realidade em si. Os campos finitos teriam significados e modos de experiência delimitados, segundo Berger e Luckmann (1985). A realidade cotidiana engloba os



campos finitos de significação, que se realizam dentro dela, de modo que “a consciência sempre retorna à realidade dominante como se voltasse de uma excursão” (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 43). Ainda que os campos finitos de significação existam como formas diferentes de perceber e tratar a realidade cotidiana, inclusive complementando-a com possibilidades que o cotidiano não dá conta, a base permanece no real cotidiano, onde os campos finitos ganham significação.

A transição acontece por um contrato de leitura, quando o público abre um folheto ou quando o escuta, os indivíduos entram naquela nova perspectiva de realidade, mas não estão presos a ela, podendo voltar à realidade cotidiana assim que a leitura termine. “O espectador é ‘transportado para um outro mundo’, com seus próprios significados e uma ordem que pode ter relação ou não com a ordem da vida cotidiana” (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 43). Este outro mundo seria o mundo da criação, da invenção, do imaginário, como nomeiam poetas. E o público é capaz de transportar os significados continuamente entre os diversos tipos de realidade, através de conexões de significados intertextuais e contextualizações históricas dos textos. É uma transição em que elementos da realidade cotidiana compõem os textos dos folhetos, ao passo em que alguns dos conteúdos da poesia, já que ela é também forma de conhecimento, são interpretados e utilizados a partir dos fatos que fazem da realidade cotidiana a maior representação possível do real.

Os campos finitos de significação oferecem um desvio da atenção da realidade cotidiana para outros níveis de realidade, produzindo tensões da consciência, segundo Berger e Luckmann (1985). A vida cotidiana precisa dos campos finitos. A realidade virtual hoje já é parte da realidade cotidiana e com ela se confunde o tempo inteiro, por exemplo. Plataformas virtuais de trabalho cada vez mais substituem reuniões presenciais, redes sociais estão cada vez mais inseridas no cotidiano dos indivíduos. E a realidade virtual é um campo finito de significação. É uma quebra, uma fuga da realidade cotidiana, que tanto pode ser usada como acessório, apoio a esta, ou mesmo como espaço de entretenimento, em um momento que os indivíduos estão saturados do real cotidiano e buscam justamente este deslocamento da atenção.

Mesmo com estes desvios de atenção, a realidade cotidiana permanece como a realidade macro, na qual estão inseridos todos os campos finitos. Ela engloba os diversos níveis de realidade, de modo que mesmo havendo estas tensões da consciência, a realidade cotidiana permanece em volta do indivíduo que está com a atenção desviada e é para ela que ele volta quando a experiência da significação finita termina.



A transição entre estes diferentes níveis de realidade se dá a partir da linguagem.

A linguagem comum de que disponho para a objetivação de minhas experiências funda-se na vida cotidiana e conserva-se sempre apontando para ela mesmo quando a emprego para interpretar experiências em campos delimitados de significação. (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 43)

Assim, a linguagem é utilizada para a objetivação da vida cotidiana, para a tradução das percepções dos campos finitos às experiências da realidade maior, de modo que, a partir da realidade cotidiana, interpretem-se as experiências dos campos finitos de significação. A linguagem é responsável por isso, para que os indivíduos consigam lidar com a coexistência entre os diferentes campos de realidade.

Para efeitos de análise, aplicamos a hermenêutica para interpretarmos os textos dos folhetos e construirmos uma linha de sentido para as características atribuídas ao personagem Seu Lunga e identificarmos os campos de realidade nos quais os causos se inserem. Estes campos foram elaborados para esta pesquisa por uma questão metodológica e para deixar mais claro este mapeamento. Para isso, utilizamos os conceitos de realidade cotidiana e de campos finitos de significação para Berger e Luckmann (1985) para servirem de referência à classificação.

Estes campos nos dizem que a realidade não é única, tampouco se opõe ao conceito de ficção. Tratamos da realidade em campos, justamente por compreender que eles se complementam e constituem uma realidade maior, a cotidiana, onde estes campos estão inseridos. A existência de um dos campos não anula o outro, e os indivíduos têm liberdade para transitar entre estes campos da forma como lhes for cognitivamente conveniente. As fronteiras entre estes campos também não são fixas e existem textos em que elas podem se confundir, misturando-se seja por motivos estéticos, por motivos criativos, cognitivos ou mesmo como estratégia de apresentação.

Tratamos neste trabalho de um tipo de texto que transfigura a realidade cotidiana em representações, o que prova que um campo não anula o outro. Assim como acontece nas crônicas, a realidade é apresentada pelos poetas a partir dos fatos que lhes são próximos, ou de eventos imaginativos que servem para ilustrar algum outro tema, que seja parte da realidade cotidiana. No caso de Seu Lunga, temos um referente, que é um homem real (Seu Joaquim), que está no primeiro campo da realidade, e sobre ele se contam fatos sem comprovação, mas que, independente disso, permanecem circulando e são tomados como reais por aqueles que os propagam.



Assim, Seu Lunga transita entre os campos de realidade e se confunde entre personagem e homem real. Nossa interpretação busca reconstruir o sentido das características deste personagem e reconhecer em que campos os causos analisados situam o protagonista. Os campos aqui definidos referem-se à caracterização do personagem, ao discurso que lhe é atribuído e às relações que os demais personagens mencionados desenvolvem com o protagonista.

### **ZÉ DO JATI: “MUITAS DAS HISTORIAS SOBRE SEU LUNGA EU ESCUTO DESDE MENINO...”**

Anchieta Dantas, ou Zé do Jati (referência à cidade de Jati, no Cariri Cearense, a 551 km de Fortaleza), como assina em seus folhetos, é mais um dos poetas que escreve sobre nosso protagonista. Ele tem 5 folhetos sobre Seu Lunga, sendo quatro volumes intitulados “Seu Lunga: o campeão do mau humor” e o quinto volume com o título “O segredo de Seu Lunga”. O poeta tem, ainda, um livro com uma coletânea de seus folhetos que utiliza o nome de Seu Lunga no título.

O poeta orgulha-se de sua produção, inclusive, de ter cinco volumes publicados sobre Seu Lunga. Em entrevista realizada para esta pesquisa, Zé do Jati contou que seu processo de criação é lento e dedicado porque passa dias debruçado sobre os versos, que são decorrentes de pesquisa e de um árduo trabalho de versificação que inclui além das rimas, uma métrica específica a manter o ritmo das formas de recitar.

A produção de um cordel demanda tempo. Eu nunca pego um cordel e vou escrevê-lo de imediato. Não. Eu procuro fermentar as ideias, como eu costumo chamar – de fermentação de ideias, de somatório de ideias e depois de todo esse processo feito na cabeça é que eu me sento para escrever. Não é questão de inspiração não, é questão do conhecimento. É questão de argumentos pra elaboração do trabalho.

Sobre Seu Lunga, o poeta afirma que sempre ouviu histórias atribuídas ao personagem. Nascido na cidade de Jati, que fica no Cariri Cearense, assim como a cidade de Juazeiro do Norte, onde reside Seu Lunga, Anchieta Dantas sempre esteve próximo, geograficamente, do circuito por onde se difundiam oralmente os causos. Assume também que atribuir os causos a Seu Lunga os tornam mais interessantes para a venda, por conta da aura que o personagem teria adquirido. Segundo o poeta, ele começou a escrever sobre Seu Lunga quando ia vender folhetos para os donos de bancas de jornal e revista e eles sempre pediam folhetos sobre Seu Lunga, pois “esses é que as pessoas gostam de comprar”.



Muitas das histórias sobre Seu Lunga eu escuto desde menino, algumas das que eu transferei pra Seu Lunga eram atribuídas a um tal de Antônio de Domingo que viveu aqui em Jati. Outras eu ouvia as pessoas contando sobre Seu Lunga. Há delas que aconteceram comigo e eu atribui a Seu Lunga. Por exemplo, Eu estava na gráfica que trabalha pra mim em Brejo Santo, quando um dos empregados (que tá lá até hoje) me falou: ‘Poeta ouvi dizer que criar pavão dá azar’, e me perguntou se isso era verdade. Respondi que não sabia. Ele disse: ‘É que eu ganhei um bruguelo de papagaio e eu queria saber se papagaio atrasa.’ Respondi: ‘Eu sei que quem atrasa é ônibus, promissória, pagamento, menstruação de mulher!’ (risos) Se eu fosse contar comigo ninguém riria. Coloquei pra Seu Lunga e é sucesso.

Questionado sobre as informações que pudessem ter sido adquiridas pela leitura de outros folhetos, especialmente os de Abraão Batista, que teria começado a publicar folhetos sobre seu Lunga, o poeta afirma:

Sobre o senhor Abraão Batista vejo dizer que foi um dos primeiros a escrever sobre Seu Lunga, mas nunca tive acesso a cordel dele, e até que gostaria, mas essas histórias que a gente conta sobre Seu Lunga são histórias manjadas na sua maioria. Seu Lunga é igual a Camões no anedotário popular. Assim sendo, o universo criativo da nossa gente atribui e atribuirá a Seu Lunga toda história que provoque a gargalhada. Em síntese: Seu Lunga é o grande herói do povão. Essas histórias são criadas pelo povo e passa para o conhecimento dos poetas cordelistas que dão umas lapidadas e devolve para o povo. É idiotice grande qualquer cordelista querer atribuir a si a autoria dos causos que se contam sobre Seu Lunga.

Os cinco volumes de Zé do Jati sobre Seu Lunga variam entre 16 e 18 páginas, cada uma com três estrofes, no máximo. O poeta possui um estilo diferente dos outros dois aqui trabalhados na forma de contar os causos. Enquanto Abraão Batista tinha um estilo mais direcionado para a aproximação com o primeiro campo de significação, que é a realidade cotidiana, Rouxinol do Rinaré o faz de uma forma mais ficcional, contando as histórias como espaços do imaginário.

Zé do Jati tem um estilo mais voltado para o gracejo, para a construção da comicidade em torno do personagem. Essas características de destaque nos estilos dos poetas não são únicas em cada um. Todos eles apresentam elementos dos três estilos: registro do cotidiano, traços do imaginário e caráter cômico, mas cada um apresenta uma ênfase diferente.

E não garanto a ninguém  
Essas histórias provar  
Simplesmente me convém  
Pro meu leitor repassar  
Esses causos absurdos  
Que vieram me contar.

A edição do primeiro volume de “Seu Lunga: o campeão do mau humor” analisada aqui data de 2008 e aparece na capa como a 20ª tiragem. Além do subtítulo do folheto apontar o protagonista como um “campeão”, ou seja, uma conotação de



comparação e que ele se destaca como um tipo de vencedor, há outras referências à comicidade e à grosseria. “Oscar de homem mais bruto do mundo” carrega um sentido semelhante ao de o “campeão”, devido à referência ao prêmio do cinema que representa uma competição. As duas construções compõem a imagem do personagem como um indivíduo mal-humorado, mas que não é um mau humor comum, é mais do que qualquer outro.

A comicidade do folheto é declarada pelo poeta que afirma na capa seu objetivo de gracejo. “Pense em rir até umas horas”, ou seja, rir muito, até tarde. Além disso, na capa também afirma que o folheto está composto por “causos e anedotas” e assume que nem todos são inéditos, mas a maioria é. O que não é inédito teria sido repercutido pela fala popular, já que o poeta afirma que não leu nenhum outro folheto sobre Seu Lunga antes de suas publicações.

A imagem da capa apresenta uma caricatura de Seu Joaquim, com chapéu de massa e uma expressão irritada, sobrancelhas levantadas e dentes cerrados. Neste volume ele é apresentado sozinho, sentado em uma cadeira de balanço. A imagem continua oferecendo a ideia do que se encontrará no decorrer do folheto, no caso, um protagonista impaciente, bruto e mal-humorado.

No caso deste primeiro folheto, as caracterizações de construção do personagem têm uma ênfase na capa mesmo. Já se começa a leitura do folheto conhecendo os traços característicos de Seu Lunga, que por si só já carrega sentidos de grosseria. E esse sentido é potencializado pelas construções imagéticas e verbais que o apontam como o “campeão”. Comparado aos outros folhetos aqui analisados, a caracterização realizada nos versos sobre o personagem são mais sucintas, levando o foco para a construção a partir das ações do protagonista.

Na primeira estrofe, Zé do Jati faz uma introdução e contextualiza que os causos que conta são sobre “um senhor/zangado e impaciente”, o que começa configurando o terceiro campo de significação, com uma construção opinativa e interpretativa do sujeito que será seu personagem.

Vou contar aos meus leitores  
A estória de um senhor  
Zangado e impaciente  
Com seu interlocutor  
Eleito nacionalmente  
Campeão do mau humor.

Quando o poeta coloca que Seu Lunga teria sido “eleito nacionalmente/ o rei do mau humor” o que temos é uma comprovação discursiva das afirmações contidas na



capa do folheto sobre sua situação de “campeão” ou “oscar”. Além disso, temos ainda uma referência de décimo terceiro campo, que está relacionado ao imaginário atribuído coletivo, quando o poeta diz que a eleição teria sido nacional.

O poeta faz também uma referência a essa fama que teria alcançado Seu Lunga, o que funciona como uma espécie de justificativa para as construções que são atribuídas ao personagem. É uma reflexão sobre o funcionamento do que aqui chamamos de décimo terceiro campo. Assim, ele explica, inclusive, como os campos de realidade estruturam a compreensão da realidade, que no caso, seria decorrente do décimo terceiro campo. Ou seja, uma vez que um imaginário (campo 13) se cristaliza como compreensão da realidade cotidiana (campo 1), toda construção discursiva (campo 2), ainda que remeta ao imaginário, será tomada como real.

Quem na vida cria fama  
Fará no mundo um alarde  
Às vezes nem faz a coisa  
Mas és que o espinhaço arde  
Cria fama que acorda cedo  
E pode dormir até tarde.

São diversas as situações neste folheto em que a comicidade está na interpretação errada e voluntária que Seu Lunga faz sobre as perguntas dos indivíduos e a elas responde com grosseria. Esta interpretação configura o sexto campo de significação. Para responder à pergunta, Seu Lunga precisa ter interpretado a pergunta. Por isso que, na maioria dos versos, temos quarto e sexto campos ao mesmo tempo, pois a maior parte da comicidade atribuída ao protagonista está na interpretação que ele faz e das respostas que dela decorrem.

O poeta não chega a fazer nenhuma referência direta a Seu Joaquim, ou seja, não encontramos o segundo campo de significação nestes folhetos. Nos momentos em que situações sobre a realidade cotidiana do homem real são apresentadas, temos apenas uma referência pontual sobre questões geográficas ou temporais que, em seguida, irão configurar campos 3 e 4, com construções interpretativas e relatos de causos mais voltados para a ficção e o gracejo.

Os adjetivos que caracterizam as ações do personagem no decorrer do folheto funcionam como formas de legitimar a imagem do protagonista. Sempre com conotações de agressividade para manter o imaginário que está sendo difundido. “Irado”, “homem de pouca conversa”, “caráter forte” etc. Além disso, são atribuídos à fala de Seu Lunga determinados vocativos que são também formas de retomar a



grosseria. Chama seus interlocutores de “imbecil”, de “inteligentão”, com um sentido de ironia, e assim mantém uma postura de impaciência.

As capas dos folhetos 2, 3, 4 e 5 apresentam as mesmas construções verbais que se referem ao mau humor de Seu Lunga (“campeão” e “oscar”). Mas as imagens ilustrativas são diferentes. Nos folhetos 2, 3 e 4 a imagem é uma caricatura de Seu Lunga no comércio, com uma expressão irritada e diante de um interlocutor que aparece como freguês de sua loja.

O terceiro volume é iniciado com uma estrofe que também aparece nos volumes dois e três, alterando-se apenas o número dos folhetos. Nela, há uma referência ao décimo terceiro campo de significação, no caso, o imaginário coletivo (“alguém me contou”), como demanda para a escrita dos novos folhetos. Faz uma referência à imagem cristalizada do personagem, apontando novamente como sua característica de maior destaque, o “mau humor” e afirmando que ele seria “consagrado”, o que remete a ideia de uma opinião pública em torno de sua personalidade, um consenso sobre o personagem.

O poeta reflete também sobre a comicidade existente a partir das histórias de Seu Lunga, que são decorrentes do mau humor e por isso é diferente. Respostas ásperas deveriam despertar outros sentimentos, que não a sensação do riso. Mas diante do comportamento cristalizado, as repetições teriam feito do personagem uma lenda. Segundo o poeta, a repetição é “A resposta sempre áspera/ a perguntador imbecil”, o que nos oferece uma caracterização tanto de Seu Lunga quanto do interlocutor, que é considerado tolo, o bobo que provoca a resposta de Seu Lunga e, portanto, conduz a comicidade e direciona o riso.

Assim como no primeiro folheto, nos volumes seguintes, Zé do jati mantém seu objetivo de contar os causos sobre Seu Lunga como formas de gracejo, portanto, partindo do quarto campo de significação. Mas no volume 3, há um caso que também foi contado por Abraão Batista e que tem como referência temporal a candidatura de Seu Lunga a vereador de Juazeiro do Norte. O caso, inclusive, é o mesmo, sobre Seu Joaquim ter supostamente rasgados seus santinhos para poupar o trabalho dos eleitores que o fariam.

Já o quinto volume, que tem o título “O segredo de Seu Lunga”, começa com uma estrutura diferente dos outros volumes. Está configurado como uma narrativa maior, como um romance e não como causos independentes, apesar deles existirem como formas de memória de Seu Lunga.



A capa do folheto cuja história se refere a um sonho, tem uma imagem que mostra Seu Lunga sentado na cama ao lado da esposa, para quem ele contou o segredo que teria se espalhado até chegar ao conhecimento do poeta, assim como aconteceu com os demais causos que virariam versos. As demais formas de apresentar o personagem repetem o que já tinha nos folhetos anteriores. Apesar de, na capa do folheto, ter escrito que se tratam de “causos e anedotas inéditas”, o conteúdo é uma espécie de coletânea que reúne versos já apresentados em volumes anteriores, com poucas estrofes realmente inéditas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O folheto de cordel é uma mídia. Um suporte que abriga uma linguagem poética específica que está ligada à oralidade e que, a partir dela, transmite informações e conhecimentos. Este conhecimento presente nos folhetos é composto por notícias, por relatos históricos, por registros cotidianos e por entretenimento. O formato de poesia, a impressão, o tamanho da narração, a presença marcante das opiniões são aspectos característicos dos cordéis, que são responsáveis, inclusive pela difusão e manutenção de mitos que permeiam o imaginário popular. Um elemento cultural nordestino capaz de assegurar a manutenção e a atualização das muitas tradições que se mostram em movimento nos versos.

Os folhetos de cordel constroem imaginários, difundem estereótipos e registram memórias, além de tantas outras funções sociais que consegue exercer. É importante analisar a construção que é feita a partir da linguagem, dos termos, das metáforas e dos causos contados para compreendermos a forma que a realidade é construída nos versos. Tal construção não morre nos cordéis, mas expande-se em piadas, em reportagens especiais sobre “curiosidades”, em entrevistas e até na Justiça, numa discussão sobre Direito da Imagem, como é o caso de Seu Lunga.

Os folhetos de Zé do Jati têm um viés cômico, assim como os demais, mas com o diferencial da quantidade de publicações, ainda que os mesmos causos possam ser encontrados em volumes diferentes. Seu Lunga chega ao imaginário coletivo e permanece. Levado pelos folhetos, cujo estereótipo é reforçado continuamente. Como em um ciclo, os poetas que usam os folhetos para registrar a memória de Lunga, quando perguntados sobre o porquê de atribuir ao personagem todos os causos de grosseria, respondem que é por se tratar de uma memória referencial que já existe.



Seu Joaquim adquire características de personagem, um elemento das narrativas. Os elementos que compõem sua representação transitam entre as supostas facticidade e ficção, ambas configurando campos finitos de significação inseridos na realidade cotidiana, o que faz com que Seu Lunga seja a transfiguração de um homem real em personagem midiático. Mesmo que certos indivíduos desconheçam a existência de um referente na realidade cotidiana para o personagem dos versos de cordel, há um sentido que se cristaliza diante de seu nome, que remete às características do protagonistas, que são características fixas, ainda que sutilmente os poetas tentem justificar o comportamento do personagem com adjetivos positivos como "inteligente" e "sério".

O discurso cômico é atribuído a Seu Lunga e a seus interlocutores, a quem se dirige o riso, e pode ser compreendido como um deboche sobre alguém que não estaria se comportando de forma adequada em uma sociedade que se considera desenvolvida e moderna, mas com traços rudes e arcaicos. Este indivíduo seria objeto de uma espécie de catarse e tratado como um exemplo do que acontece com indivíduos de mau comportamento, um *bullying* midiático. Podemos compreender ainda que a mídia se apropria dessa ideia de um desajuste social para construir narrativas sensacionalistas, espetáculos, cujo objetivo principal é provocar sentimentos, sejam de comoção ou de riso, em sua audiência. No caso de Seu Lunga, ele se transforma em Bobo da Corte, aquele indivíduo cômico, caricato, que os sujeitos, de forma grosseira, provocam para apreciar-lhe a reação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. XIV. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 1993.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2006.
- DIJK, Teun van. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2011.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LINDOSO, Ester. **A fantástica construção do nordestino Seu Lunga**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2000. Disponível em: <<http://br.geocities.com/esquinadaliteratura/autores/ester/ester04.html>>. Acesso: 28 abr. 2009.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011.